

DIDATISMO E EXCESSO: “GRANDE SERTÃO” (2024) E A OFUSCAÇÃO DA NARRATIVA PELA MENSAGEM POLÍTICA¹

*DIDACTICISM AND EXCESS:
"GRANDE SERTÃO" (2024) AND THE OVERSHADOWING OF THE NARRATIVE BY THE
POLITICAL MESSAGE*

*DIDACTISMO Y EXCESO:
"GRANDE SERTÃO" (2024) Y EL OSCURECER DE LA NARRATIVA POR EL MENSAJE
POLÍTICO*

Danilo de Athayde²

Quando Arraes mergulhou no texto de Suassuna e fez uma das obras mais gostosas do cinema nacional, *O Auto da Comadecida* (2000), cinema e texto se alinhavam já de nascença, e as montagens cinematográficas da comédia de erros sertaneja acentuavam seu tom teatral constituinte. Porém, agora, ao adaptar o romance experimental mais intrincado da língua, era necessário transpô-lo para a telona em um recorte outro, pois, tendo em mãos o mosaico temporal que é o cinema, recitar seus parágrafos em uma narração *em off*, dissociada da trama, é a escolha narrativa que menos lhe faz jus. Faltou concretismo para adaptar a obra que ultrapassou o modernismo.

Em *Grande Sertão* (2024), mais novo filme de Guel Arraes, o texto de Rosa funciona como assunto extraescolar, a ser declamado em tom hiperbólico por um Riobaldo que narra a trama de forma demasiadamente literal e não convence como cinema. Caio Blat parece não caber na pele do jagunço mineiro e perfura cada frase com a deferência de quem acredita, de antemão, estar proferindo a evidente sabedoria de um clássico literário e, no fim, a linguagem do romance é reduzida a frases de efeito.

Escolheu-se uma cinematografia *over, over* dramatizada, *over sujeira e fuligem na cara, over tremulação da câmera* alinhada a uma estética tirada sem maiores imaginações de "Mad Max", mas, em termos de linguagem, o tom recitativo do filme mais valeria em uma adaptação reduzida desse no Museu da Língua Portuguesa. No que o filme ousou recricular, fez-o com escolhas estéticas equivocadas.

¹ Resenha crítica do filme "Grande Sertão" (2024), de Guel Arraes.

² Doutorando em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto e em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e licenciado em Letras, especializou-se em Docência do Ensino Superior e em Políticas Públicas. E-mail: danilodeathayde@gmail.com

A recriação ficou no campo do cenário e ambientação, trocando-se o sertão por uma mega favela imaginada em um cenário pós-apocalíptico, o que diretamente entra em conflito com os sentimentos expressos naquelas falas ditas com tanta solenidade. O didatismo condescendente mostra ainda mais seus prejuízos, pois, fora o cabresto do oficialismo didático, vê-se a preocupação da mensagem social em detrimento da narrativa, e mesmo dos significados mais importantes e reiterados da obra que se visa adaptar.

Uma favela hiper povoadas de alguma megalópole distópica é uma paisagem com um *ethos* completamente diverso do sertão mitificado na obra de Rosa. O Riobaldo, o Diadorim, o Zeca Ramiro e o Zé Bebelo que se criam nessa paisagem não podem ser os mesmos que se criam naquela. Ainda assim, no filme, tentam se mostrar os mesmos, dizendo as mesmas sentenças do livro, porém, com intenções e contextos que se perdem ou se tornam totalmente incongruentes.

O Sertão de Rosa é muitas coisas, porém, algumas das que ele mais é, são: aridez e vastidão. A travessia, talvez a palavra mais importante para Rosa ao descrevê-lo, é feita na vastidão inóspita; e a solidão, um dos seus elementos inescapáveis, é sim humana e interior, mas é também aquela imposta pela paisagem. Assim, quando o filme repete diversas vezes a famosa máxima da obra "o sertão é o dentro da gente", na boca de um Riobaldo criado em um superaglomerado habitacional, precisa-se autoimpôr o esquecimento do começo da sentença, que diz, "o sertão é o sozinho".

Ficou-se o verniz da linguagem, porém, destituído do seu elemento humano, e o que interessa em primeiro lugar em qualquer narrativa é o humano, mesmo que esse não esteja evidente. Na falta da profundidade humana dos personagens, o filme se emaranha no caminho do frenesi visual, da ação e do tiroteio, o que se segue, praticamente sem pausa, por bem mais que metade de todo o longa, e cansa.

As cenas da guerra alardeada se repetem e confundem-se, sem causar anseio na plateia, pois a simpatia e carinho por seus personagens ainda não foi estabelecida. Até ali, a *over dramatização* de Blat, como Riobaldo, e Luísa Arraes, como Diadorim, não convencem e parecem estar fora de lugar, como que declamadas apaixonadamente em um sarau juvenil, em desprezo à suspensão de nossa descrença. Acompanhados por um Joca Ramiro pálido, interpretado por Rodrigo Lombardi e um Zé Belelo estridente e caricatural na voz aguda de Luis Miranda, somente Esterblitch surpreende e passa por vezes imperceptível na pele do odioso Hermógenes. Com seu ar bufão, Eduardo assume um lugar entre um *clown* e um Iago shakespeariano, não comandando o temor que o papel originalmente exigiria, mas o substituindo com maestria pelo insulto pervertido e diabólico.

De forma surpreendente, o filme encontra o *intermezzo* da narrativa em seu quarto final e, no isolamento de Riobaldo e Diadorim, cativa e faz-nos importar mais profundamente com seus destinos. Antes, esses dois personagens estavam opacos sob a interpretação, principalmente sob a cinematografia frenética que lhes foi imposta até ali. Porém, nesse momento, o drama encontra seu tom e leva-nos por um crescendo inesperado em seu arco final que, se não o redime, mostra aquilo que ele poderia ter sido.

Não é o suficiente para tirar o gosto da obra oficialesca que respeita o original, mas por um sentimento paternalista de ensinar o clássico brasileiro a uma plateia desavisada (em que cada frase é dita esperando que carregue já de antemão a importância concedida), em vez de tê-la internalizado como uma obra concreta e real. Assim, Grande Sertão, o filme, é mais uma prova de que a narrativa brasileira precisa se acostumar a dizer a obra antes da mensagem.

GRANDE Sertão. Direção de Guel Arraes. Rio de Janeiro: Globo filmes, 2024. (114 min.).